

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**SEXUALIDADE, MATERNIDADE E GÊNERO: EXPERIÊNCIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE MULHERES JOVENS DE ESTRATOS POPULARES¹**

ELISABETE REGINA BAPTISTA DE OLIVEIRA

Mestre em Sociologia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP

E-mail: eoliver@uol.com.br

Resumo: Trata-se de um estudo exploratório empírico de natureza qualitativa, que busca analisar, sob a ótica das relações de gênero, as trajetórias afetivas sexuais e reprodutivas de mulheres jovens de estratos populares do município de São Paulo, a partir de suas experiências de socialização. Por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade realizadas com seis jovens, entre 16 e 20 anos, quatro das quais com experiência de gravidez na adolescência, buscou-se compreender os elementos percebidos pelas jovens como mais relevantes na concretização ou no adiamento do projeto de maternidade. As entrevistas foram realizadas de março a agosto de 2006, no bairro de Cidade Tiradentes, da zona leste de São Paulo, entre as jovens usuárias de um posto de saúde. Os resultados mostram que os modelos de gênero presentes, sobretudo na socialização familiar e nas relações afetivas, agem fortemente no modo como as jovens pensam a maternidade, sendo mais relevantes do que os discursos preconizados pela família e por outros agentes socializadores.

Palavras-chave: Socialização, gênero, gravidez e maternidade na adolescência.

**SEXUALITY, MOTHERHOOD AND GENDER: SOCIALIZATION EXPERIENCES OF
UNDERPRIVILEGED YOUNG WOMEN**

Abstract: This is an empirical qualitative research, which purpose is to analyze, under gender relations perspective, love sexual and reproductive trajectories of underprivileged young women living in the city of São Paulo, Brazil, considering their socialization experiences. Six young women between the ages of 16 and 20, four among which had teen pregnancy experience, were interviewed with the purpose to understand, which elements are perceived by the young women as the most important in their decision-making process to become a teenage mother or to postpone this project. The interviews were carried out from March to August 2006 in Cidade Tiradentes, in east São Paulo, among the young clients of a health center. It was evidenced that gender models, especially those in their family socialization and love relationships influence strongly the way the young women think about motherhood, and are more relevant than the discourses from families and other socialization agents.

Keywords: Socialization, gender, teen pregnancy and motherhood

¹ Este artigo traz parte da dissertação de mestrado de mesmo título, defendida em 2007 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, sob orientação da Profa. Dra. Marília Pontes Sposito. A pesquisa contou com financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório de natureza qualitativa², que busca analisar as singularidades das trajetórias afetivas, sexuais e reprodutivas de mulheres jovens de estratos populares do município de São Paulo, a partir de suas experiências de socialização, aqui compreendida como “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (Berger e Luckmann, 2005, p. 175), sobretudo, enfatizando a perspectiva de gênero, na concepção de Joan Scott (1995, p.86), “elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, constituindo “uma forma primária de dar significado às relações de poder.”

As seis jovens entrevistadas durante o trabalho de campo têm em comum o fato de morarem no distrito de Cidade Tiradentes, zona leste do Município de São Paulo, e serem usuárias do Centro de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva Maria Auxiliadora Lara Barcelos, mais conhecido como Casa Ser, uma unidade de saúde especializada no atendimento à saúde sexual e reprodutiva da mulher naquela região. As entrevistas individuais em profundidade foram realizadas entre março e agosto de 2006. Quatro das seis jovens entrevistadas tinham tido a experiência de gravidez na adolescência.

Para analisar as experiências reprodutivas das jovens, é importante ressaltar que todas elas tinham conhecimentos sobre métodos contraceptivos e sobre o risco da gravidez na ausência dos métodos. Essa constatação é importante para desmistificar a idéia que persiste em alguns setores sociais de que as adolescentes engravidam por falta de informações sobre métodos contraceptivos ou de conhecimentos sobre as conseqüências do ato sexual (Aquino et al., 2006). O roteiro de entrevistas incluiu perguntas sobre as

² Conforme Muchielli (1991; apud Motta, 2005), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela utilização de técnicas de coleta e análise qualitativa de dados que de alguma forma privilegiam o uso da palavra na descrição do fenômeno observado, com o objetivo de chegar-se ao conhecimento de suas razões e processos.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

trajetórias sexuais, afetivas e reprodutivas das jovens. Para conhecer as experiências, foram elaboradas perguntas sobre o processo de decisão e de planejamento da gravidez, quando estes ocorreram, bem como os significados da maternidade que orientam essas escolhas. As experiências e percepções das duas jovens que não engravidaram na adolescência também serão abordadas. Os perfis das jovens são mostrados na tabela a seguir.

PERFIS DAS JOVENS ENTREVISTADAS (1)

Nome (Fictício)	Idade	Estado Civil	Escolaridade e (2)	Já engravidou ?	Tem filhos?	Está trabalhando ?	Renda Familiar (em salários mínimos)
Gabriele	16	Casada	Cursando EM	Sim	Grávida	Não	2
Maria Clara	20	Em união	Cursando EM	Sim	Sim	Não	3
Giovana	19	Solteira	EM concluído	Sim	Grávida	Não	2
Tamara	18	Em união	Até 5a. Série EF	Sim	Não	Não	2
Carla	18	Solteira	EM concluído	Não	Não	Não	5
Nicole	19	Solteira	EM concluído	Não	Não	Não	2

NOTAS: (1) Informações correspondentes à primeira entrevista; (2) EM= Ensino Médio; EF= Ensino Fundamental



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

RESULTADOS

As jovens que engravidaram na adolescência tinham entre 14 e 18 anos à época da gravidez, idades bem próximas das que suas mães tinham quando engravidaram pela primeira vez. Nem sempre a gravidez aconteceu como decisão consciente da jovem ou do casal. Em alguns casos, as jovens deixaram a gravidez acontecer, mantendo relações sexuais sem a utilização de métodos contraceptivos. Embora a idéia da gravidez pudesse não ter sido consciente, nesses casos, não estava completamente descartada, conforme mostram as experiências relatadas a seguir.

A socialização familiar de Gabriele sempre esteve voltada à família. As tarefas domésticas eram ensinadas pela mãe à filha como parte de um conjunto de outros ensinamentos e modelos que eram antecipatórios para o papel de mãe e dona de casa. A mãe de Gabriele também casou-se e engravidou jovem. A socialização familiar era reforçada pela socialização religiosa evangélica, também com grande ênfase nos valores da família nuclear tradicional. Na família de Gabriele, a socialização para a educação e para o trabalho feminino estava subordinada à importância da família, sendo desejáveis, porém, não imprescindíveis. A decisão pela gravidez aconteceu logo após o casamento aos 16 anos, o que mostra bastante coerência com sua socialização familiar e religiosa. Surge como o cumprimento do destino e da função da mulher: tornar-se mãe de família ainda jovem, aproveitando a energia da juventude para criar seus filhos e dedicar-se à casa.

Quanto à Tamara, sua mãe engravidou pela primeira vez aos 15 anos. A violência infrafamiliar sempre fez parte da trajetória dessa jovem. A educação não era enfatizada na família como fator de ascensão social, de modo que todos os filhos abandonaram a escola antes do término do ensino fundamental. Por outro lado, o trabalho era fortemente valorizado como indispensável meio de sobrevivência. Tamara deixou a escola na 5ª. série do ensino fundamental para trabalhar como empregada doméstica, mesma ocupação da mãe. A decisão pela gravidez aos 15 anos veio quando ela ainda vivia com o primeiro



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

companheiro, que embora tenha ficado inicialmente feliz com a notícia da gravidez, não mudou seu comportamento violento. O desejo de Tamara pela maternidade em condições tão adversas talvez possa ser compreendido em parte por suas experiências familiares e pessoais conflituosas, o que pode tê-la levado à tentativa de criar uma estrutura familiar estável, diferente daquela que teve. A violência e as brigas com o companheiro fizeram parte da gravidez da jovem até a ocorrência de um aborto espontâneo no sétimo mês de gestação. Depois disso, o desejo de ter filhos passou. Já com o segundo companheiro, toma contraceptivos para não correr o risco de engravidar novamente. Ela não descarta a possibilidade de ser mãe no futuro, mas somente quando tiver condições para isso.

Giovana foi criada somente pela mãe, que também foi mãe na adolescência. A mãe sempre a incentivou a estudar, inclusive delegando ao filho mais velho as tarefas domésticas para que a filha se dedicasse aos estudos. A independência financeira também era enfatizada pela mãe da jovem como importante para a mulher. Giovana engravidou aos 18 anos, após terminar o ensino médio, segundo ela, por insistência do namorado. Mas a história de Giovana traz um elemento adicional para reflexão: a jovem tinha muito medo de jamais poder ter filhos, porque teve cistos no ovário aos 17 anos. A gravidez da jovem pode ter tido o significado de verificação da integridade de seus órgãos reprodutivos (Coin-Bariou, 2005; Brandão, 2006; Aquino et al., 2006b), em função do diagnóstico médico de cistos no ovário.

A gravidez de Maria Clara, aos 14 anos, traz as características da típica gravidez na adolescência não planejada, da qual falam os programas de educação sexual, as políticas públicas e os estudos sobre o tema: jovem no início da adolescência, com poucos conhecimentos sobre sexualidade e pouca familiaridade com métodos contraceptivos. A mãe de Maria Clara teve o primeiro filho aos 15 anos. O pai sempre a incentivou a estudar para que pudesse se inserir no mercado de trabalho quando tivesse mais idade. Namorando, ela tentou evitar a gravidez com os conhecimentos e meios de que dispunha, mas acabou



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

engravidando mesmo assim. Após o desespero inicial da descoberta da gravidez e uma tentativa frustrada de aborto, Maria Clara foi morar com o namorado, dando a luz ao filho, que estava com 5 anos no período das entrevistas.

Das três jovens que tiveram filhos, somente Maria Clara acredita ter engravidado muito cedo. Gabriele e Giovana crêem que estavam numa idade adequada quando engravidaram (16 e 18 anos, respectivamente), o que mostra que o caráter de precocidade da gravidez é discutível, sobretudo nas classes populares. As duas dizem que teriam adiado a maternidade, se tivessem podido prever o desemprego do marido, no caso de Gabriele, e o fim do relacionamento com o pai do filho, no caso de Giovana. Foram, portanto, decisões contingentes ao momento vivido.

Não se pode esquecer que essas jovens mulheres vivem numa realidade na qual é bastante freqüente a gravidez de jovens nessa idade. Todas elas mencionaram conhecer muitas outras jovens da idade delas que estavam grávidas ou já eram mães. Nesse contexto, parecem destacar-se as jovens que *não* se tornam mães em idades socialmente consideradas precoces. No conjunto das entrevistadas, são duas as jovens que não tiveram a adolescência pontuada pela gravidez: Carla e Nicole. Com o objetivo de tentar compreender as trajetórias de Carla e Nicole, bem como o que diferencia essas jovens daquelas que engravidaram na adolescência, torna-se essencial retomar alguns pontos importantes de sua socialização familiar e de seus aprendizados sobre sexualidade nos diversos espaços.

Carla foi criada somente pela mãe, tendo sido filha única até os 16 anos quando nasceu seu irmão, fruto da união de sua mãe com o padrasto. Sua mãe frequentou o ensino superior até o último ano, não tendo se formado por falta de condições financeiras. Talvez por isso, a mãe da jovem a incentiva não somente a estudar, mas a ‘fazer faculdade’. Esse se tornou o objetivo de Carla, que deseja cursar educação física. A mãe da jovem não foi mãe na adolescência, quando Carla nasceu, sua mãe tinha 26 anos. Todas essas referências da mãe foram absorvidas por Carla durante sua socialização. Os planos de maternidade de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Carla estão guardados para o futuro. Apesar de ela querer ser mãe, pretende primeiro fazer o curso superior, iniciar uma carreira profissional na área escolhida, conquistar a independência financeira, para aí, então, pensar em casamento e filhos.

Já Nicole vem de uma família numerosa: pai, mãe e cinco filhos, sendo a jovem, a filha do meio. Sua mãe teve o primeiro filho aos 18 anos, quando já estava casada. As duas irmãs mais velhas de Nicole engravidaram aos 16 e 18 anos, o que obrigou a jovem a passar a infância e a adolescência cuidando das seis sobrinhas, filhas de suas irmãs. O pai de Nicole sempre a alertou para que atentasse para as experiências de gravidez na adolescência das irmãs, para que o mesmo não acontecesse com ela. A educação também era enfatizada pelo pai como importante para a conquista da independência financeira. Os planos de Nicole incluem o ingresso na Polícia Militar e posteriormente no ensino superior, no qual pretende fazer o curso de Direito para aumentar suas chances de ascensão profissional. Ela também mencionou o sonho de morar sozinha. Afirma que não pretende ter filhos.

Essas duas jovens enfatizam os aspectos negativos das experiências de gravidez e de maternidade de suas amigas. Comentam sobre namorados que negaram a paternidade, abandonando as companheiras, que não ajudam no sustento dos bebês e outras situações complexas. Esses aspectos observados nas experiências das amigas tornam-se, para essas jovens, reflexos do que acreditam poderia acontecer também com elas. Essas experiências socializadoras conferiram-lhes uma visão mais ampla das responsabilidades que a maternidade implica. As duas jovens têm um grande apreço por sua condição juvenil, gostando de sair para as “baladas”, cultivar amizades, viajar, *ficar* e estar junto de outros jovens. Carla e Nicole são as únicas jovens do grupo entrevistado que estavam inseridas no mercado de trabalho formal na época do fim das entrevistas. A socialização no ambiente de trabalho parece contribuir para uma ampliação da percepção das possibilidades de inserção feminina na sociedade e para a construção de novos modelos e identidades de gênero, construindo novas referências que vão além dos modelos familiares.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Enquanto os planos educacionais e profissionais das jovens que engravidaram na adolescência envolvem cursos técnicos profissionalizantes e ingresso no mercado de trabalho em profissões técnicas, Carla e Nicole almejam o curso superior, o que demanda investimentos de tempo e de recursos mais substanciais, e o ingresso em carreiras que ofereçam a possibilidade de ascensão profissional. Elas acreditam que vão atingir seus objetivos de escolaridade e carreira, atribuindo a possibilidade de estes planos acontecerem ao esforço pessoal delas mesmas. Carla e Nicole detêm o controle de sua vida reprodutiva. Ambas têm vida sexual ativa e sempre exigem dos parceiros o uso da camisinha. Outro ponto em comum é que ambas tiveram um número maior de parceiros sexuais do que as jovens que engravidaram na adolescência.

Creio que o ponto mais importante a ser ressaltado no conjunto das experiências das jovens entrevistadas é a heterogeneidade das situações e das escolhas que fizeram, considerando suas experiências de socialização e os acontecimentos que pontuaram suas trajetórias. Pelos depoimentos, foi possível perceber que algumas jovens engravidaram na adolescência por desejarem realmente ser mães, e nesse ponto a socialização familiar muito contribuiu com modelos de gênero e de família que associam a maternidade à feminilidade. As interações com os parceiros conferiu, de certo modo, a algumas jovens o desejo da união conjugal e da maternidade, como destino e continuidade do processo de tornar-se mulher. Suas formas de inserir-se socialmente e de promover a transição para a vida adulta parecem estar mais próximas dos modelos das famílias de origem, das trajetórias de suas amigas e também dos modelos de gênero nas relações com os parceiros do que da busca por formas diferenciadas de inserção.

No entanto, vale ressaltar que não há identificação integral com os modelos de gênero, assim como não há modelos rígidos e estereotipados. As identidades generificadas são construídas a partir de tensões e reiteraões aos modelos existentes, os quais também não são estáticos. Foi possível observar questionamentos aos modelos tradicionais de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

gênero presentes na socialização familiar, a partir do convívio com os parceiros. Se as entrevistadas ainda vêm as relações entre os sexos conforme os modelos socialmente estabelecidos, por outro lado, desafiam o poder dos parceiros, buscando estratégias de fazer respeitar suas posições e opiniões, ainda que muitas vezes, esse processo não seja resultado de um confronto explícito, mas de uma negociação que tem por base a ‘astúcia’ e o ‘jeitinho’ feminino de convencimento.

No grupo entrevistado, as estruturas das famílias de origem, sobretudo as trajetórias sociais das mães das entrevistadas, parecem ter influenciado as jovens que engravidaram de modo mais intenso do que os discursos familiares nesse sentido. Em outras palavras, para a maioria das jovens do grupo entrevistado, a socialização para a sexualidade e reprodução por meio dos modelos familiares parece ter tido mais força do que os discursos preconizados pelas famílias.

O desejo de ser mãe das jovens entrevistadas é construído, sobretudo, a partir de valores culturais de seu meio, suas representações de família, casamento, feminilidade, maternidade, educação e trabalho. E nesse ponto, a socialização familiar, bem como os aprendizados com os pares nas relações afetivo-sexuais, é fundamental. Apesar de a prevenção à gravidez na adolescência fazer parte dos discursos de praticamente todos os agentes socializadores, não parece haver uma relação direta entre o discurso preventivo, apesar de este servir como suporte, e a concretização ou não da maternidade na adolescência ou juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Estela; M. L.; ARAÚJO, Maria J.; ALMEIDA, Maria C. C.; MENEZES, Greice. Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In: HEILBORN, M. L. et al.(Orgs). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, p. 309-360, 2006b



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- BRANDÃO, Eliane Reis. Gravidez na Adolescência: um balanço bibliográfico. In: HEILBORN, M. L., AQUINO, E. M. L., BOZON, M., KNAUTH, D. R. **O aprendizado da Sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Fiocruz/Garamond: Rio de Janeiro, p. 61-95, 2006
- COIN-BARIOU, Laura. **Grossesse à l'adolescence: evenement de vie, avenement d'un sujet**. 2005, 175p. Tese (Doutorado em Medicina Psiquiátrica). Faculdade de Medicina da Université de Angers, 2005
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 20, v.2, p.71-100, jul/dez, 1995

Recebido: 08/12/2009

Aceito: 07/01/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br